

ARTÍCULOS DE INVESTIGACIÓN
RESEARCH REPORTS

Citação e paráfrase como práticas discursivas no ensino superior: experiência com alunos de letras*

*Direct quotation and paraphrasing
as discursive practices in higher
education: experience with
language students*

Cleide Emília Faye Pedrosa

*Artículo revista Colômbia

zona próxima

Revista del Instituto
de Estudios en Educación
Universidad del Norte

n° 17 julio-diciembre, 2012
ISSN 2145-9444 (on line)

zona
próxima



TIGRE PARIDA
JOSÉ LEÓN

Dimensiones: 80,5x72,5cms.
Técnica: Oleo sobre madera
Año de publicación/creación: 1966

SCLEIDE EMÍLIA FAYE PEDROSA

PROFA. DRA. EM LINGÜÍSTICA E PÓS-DOUTORA EM ANÁLISE DO
DISCURSO.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - BRASIL.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - BRASIL.

cleidepedrosa@oi.com.br; cleidefaye@hotmail.com

FECHA DE RECEPCIÓN: OCTUBRE 23 DEL 2011

FECHA DE ACEPTACIÓN: SEPTIEMBRE 6 DEL 2012

<p>O objetivo deste relatório de investigação é verificar a produção de conhecimento no ensino superior questionando como o processo de fazer citações de afiliações teóricas baseadas na palavra do “outro”, por meio de citações ou paráfrases, é utilizado no ensino superior. Baseamo-nos em autores cujos trabalhos lidam com “discurso citado e citante” como Compagnon (2007), Maingueneau (2001, 2006), Bakhtin (2002); aqueles cujas pesquisas lidam com paráfrases sob a perspectiva da análise do discurso como Possenti (2009); e sob o ponto de vista da Linguística Textual como Galembek (2010) e Fuchs (1985). Os dados são resultado de experiências coletadas de duas turmas de Linguística no curso de graduação em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil, durante 2009 e 2011. Os resultados indicam uma necessidade urgente de trabalhar citação e paráfrase em atividades usuais nas aulas para que elas possam dar suporte às leituras e reescritas de gêneros acadêmicos.</p> <p>PALABRAS CLAVE: Citação direta; paráfrase; ensino superior.</p> <p>El objetivo de este informe es verificar la producción de conocimiento en la educación superior cuestionando cómo el proceso de citar afiliaciones teóricas basadas en la palabra “otro”, por medio de citas o paráfrasis, es utilizado en la educación superior. Nos basamos en los autores cuyas obras tratan de los “discursos citado y citante” como Compagnon (2007), Maingueneau (2001, 2006), Bachtin (2002), y los que tratan de paráfrasis desde la perspectiva del análisis del discurso como Possenti (2009), y desde el punto de vista de la lingüística textual como Galembek (2010) y Fuchs (1985). Los datos se basan en la experiencia recogida a partir de dos clases de Lingüística en la Universidad Federal de Rio Grande do Norte (Brasil), durante los años 2009 y 2011. Los resultados indican la urgente necesidad de trabajar con citar y parafrasear en las actividades habituales en la clase para que puedan apoyar la lectura y reescritura de los géneros académicos.</p> <p>PALABRAS CLAVE: Citas directas, paráfrasis, educación superior.</p>	<p>RESUMO</p> <p>RESUMEN</p>	<p style="text-align: center;">ABSTRACT</p> <p>This investigation report aims at verifying how the practice of “producing” knowledge happens in higher education by questioning how the process of quote theoretical affiliations based upon the word “other”, either through direct quotations and/or paraphrasing, are used in higher education. This inquiry is based upon authors whose works deal with “quoting and quoted discourses” such as Compagnon (2007), Maingueneau (2001, 2006), Bakhtin (2002); and the ones whose researches deal with paraphrasing under discourse analysis perspective as Possenti (2009); and also under Textual Linguistics point of view as Galembek (2010) and Fuchs (1985). Data are result of experiences collected from two Linguistics classes in Language graduation course at the Rio Grande do Norte Federal University in Brazil, during 2009 and 2011. Results indicate there is an urgent necessity of teaching quotation and paraphrasing as usual activities in classes in order to have them supporting student's readings and rewritings of academic genres.</p> <p>KEYWORDS: Direct quotation, paraphrasing, higher education.</p>
--	------------------------------	--

"De certa forma, não há sujeito da citação, senão em um regime democrático da escrita."
(COMPAGNOM, 2007, 51)

INTRODUÇÃO

Na atualidade, a academia está se voltando para o seu próprio fazer. Esta é uma postura que indica maturidade e que exige um olhar crítico de suas práticas. Assim sendo, este informe de investigação se debruça sobre a prática de "produzir" conhecimento no ensino superior, questionando como o processo de referendar filiações teóricas e utilizar argumento de autoridade, com base na palavra do 'outro', são utilizadas por alunos de Letras em uma instituição federal do Brasil.

A prática da citação é um recurso que valida o fazer científico dentro da academia. O ato de citar traz consigo implícitas algumas finalidades, tais como: comprovar filiação; marcar influências; evidenciar instituições; confirmar grupo de pesquisa, 'criando os colégios invisíveis' (Leal, 2005); entre outros.

Entretanto, citar marca apenas o início do trabalho acadêmico ou um viés utilizado neste fazer; é necessário dar outro passo, o qual estamos indicando neste trabalho como sendo o de paráfrase. Esta definida, numa visão preliminar e objetiva, como o processo de interpretação e reformulação do falar do 'outro'.

Obviamente que para a apropriação e produção de conhecimento, vários passos são requeridos, contudo, neste informe, trabalharemos com estes dois aspectos de apropriação do saber: a citação direta e sua paráfrase.

CITAR: O 'OUTRO' NO EU

Uma forma que a ciência utiliza para se perpetuar é ser cumulativa, isto é, progredir, mas também se repetir. Então ser cumulativa faz parte do processo da ciência, "isso a torna como uma atividade intrinsecamente social, moldada e determinada pelas relações sociais entre os indivíduos", esclarece Leal (2005, p. 20).

Discutindo esta questão, Barbosa (2004) traz à tona alguns problemas que surgem no ato de perpetuar o conhecimento através da referência na produção acadêmica. Embora o autor analise a área de Administração, suas considerações e abordagens não estão longe de nossa área. Ele aponta, entre outros, os casos de referências fragmentadas, ocorrendo ênfase em periódicos, congressos e concentração em alguns autores, indicando endogenias nas citações.

As endogenias também podem marcar o lugar de outro olhar. No caso do Brasil, é marcante a separação política, cultural, social e intelectual entre suas regiões. Norte e nordeste são relegados nos fatores enumerados. Sul e, principalmente, sudeste, recortando o caráter da intelectualidade, têm forte acesso a editoras e isto reflete na circulação de suas publicações. Mas outro aspecto mais perverso se destaca nesta política: publicações de editoras universitárias de regiões desenvolvidas são classificadas como exógenas e sua circulação é abrangente; enquanto as publicações de editoras de regiões menos desenvolvidas, mesmo tendo um corpo editorial, são consideradas publicações endógenas, trazendo como consequência um apagamento de vozes dentro dessas filiações teóricas.

Marcondes e Sayão (2002) afirmam que ser citado é “a medida clássica do prestígio e do valor de uma contribuição para a ciência em geral”. Mas também é a ‘medida clássica’ (de muitos outros fatores, no meu ponto de vista): de uma política que separa professores/pesquisadores das regiões pobres e das regiões ricas do país; de uma linha divisória em que a pontuação, pelos órgãos de fomento para projetos e outros, é norteadada pela circulação endógena ou exógena da publicação; de (des)classificação dos pares quando o corpo editorial de uma editora universitária não é tratado da mesma maneira por pertencer a regiões diferentes do país.

As redes de citações são tratadas em Di Chiara et al (2011) como ‘fenômenos coletivos’ que mantêm relações entre atores de estudos e também relações de intertextualidade “existentes entre o autor de uma publicação e aqueles que a citaram”. Mas há também o caso dos chamados colégios ‘invisíveis’ de citações, ou seja, é o famoso acordo acadêmico: “eu te cito, você me cita”. Neste contexto, poderíamos ainda chamar a atenção para dois aspectos: o das citações de trabalhos dos orientadores pelos orientandos; e o dos narcisistas, “eu me cito”.

Os autores ainda destacam que a rede de relacionamentos entre os autores citados oferece condições de identificar tendências de uma área específica, ou seja, a avaliação das publicações desenvolvida a partir do seu impacto na comunidade Científica (estudos bibliométricos) tem condições de apontar para tendências referenciais, relações entre pesquisadores (‘quem citou quem’) e interação entre variados documentos, entre outros.

Mesmo a discussão acima sendo pertinente para o meio acadêmico, nosso foco se restringe à prática discursiva e não à social de citar (e parafrasear).

Citar e parafrasear no contexto do ensino superior são práticas discursivas que envolvem (des)continuidade e (re/des)construção de conhecimento. Cabe-nos aqui acompanhar de que forma isto aconteceu em sala de aula. Antes, porém, mais um pouco de teoria.

Antes mesmo de citar, requer-se do aluno uma leitura crítica que demonstre um diálogo com o texto-fonte de sua pesquisa. Nesse encontro do leitor com o texto, Compagnon (2007, p. 22) afirma que este concede àquele a liberdade da acomodação: “que ele acomode o texto e que nele se acomode, sendo as duas coisas muitas vezes contraditórias. O leitor deverá encontrar o lugar de onde o texto lhe seja legível, aceitável.” E este lugar de acomodação conduzirá o leitor a ter uma compreensão do texto. Deste modo, o autor garante que a citação nada mais é que um elemento de acomodação, pois ela evidencia que houve identificação entre o texto e o leitor.

Outro processo que sobressai, nesta abordagem, é a solicitação. Compagnon (2007, p. 26) explica que a solicitação, em leitura da enunciação, corresponde a um acomodamento, uma conciliação do enunciado. Ainda para o autor, a citação representa que houve uma ‘paixão’ por aquela leitura específica. Só uma leitura que seja solicitadora e excitante produz a citação. A citação faz com que a leitura ecoe na escrita. Obviamente que penso que o autor esteja se referindo a uma leitura de iniciativa própria, porém, no caso de nossa pesquisa, não quer dizer que o aluno se ‘apaixonou’ por aquela leitura, mas que ele se viu obrigado a ler o texto e extrair um número x de citações para cumprir pré-requisitos acadêmicos.

Uma citação, resumidamente, representa dois processos, o de ‘extirpação’ e o de ‘enxerto’. Consiste em extirpar o fragmento/citação do texto-fonte e em enxertá-lo no texto em cons-

trução. Acerca dessas operações, Compagnon (2007, p. 36) conclui:

O amálgama, na citação, de duas manipulações e do objeto manipulado tem por efeito tornar natural um procedimento inteiramente cultural. (...) Em seu emprego habitual, a citação não é nem o ato de extirpação, nem o do enxerto, mas somente a coisa, como se as manipulações não existissem, como se a citação não supusesse uma passagem ao ato.

Bakhtin, ao abordar o discurso citado, posicionou-se afirmando que este é um tipo de discurso “*no discurso, a enunciação na enunciação*”, mas é, ao mesmo tempo, um *discurso sobre o discurso*, uma *enunciação sobre a enunciação* (Bakhtin, 2002, p.144, grifo do autor). Facilmente podemos remeter este processo ao explicado acima por Compagnon sobre extirpação e enxerto. Continuando, Bakhtin ainda orienta o modo como isto deve ocorrer, ou seja, deve haver “a interação dinâmica dessas duas dimensões, o discurso a transmitir e aquele que serve para transmiti-lo” (Bakhtin, 2002, p.148). Mais uma vez, pode-se relacionar o posicionamento desses dois autores em questão. Compagnon explica essa interação ressaltando que os processos de extirpação e enxerto são tão naturalizados culturalmente que é como “se as manipulações não existissem, como se a citação não supusesse uma passagem ao ato”.

Se considerarmos o que Compagnon afirmou sobre o recorte de um texto - “extraio, mutilo e desenraizo” – como indício de que a leitura, como processo ativo, indicou algo que se destaca para o leitor, então este tipo de leitura “já procede de um ato de citação que desagrega o texto e o destaca do contexto”. É por isso que “a frase relida torna-se fórmula autônoma dentro do texto. A releitura a desliga do que lhe é anterior e do

que lhe é posterior” (Compagnon, 2007, p. 13), destaca-a e esta passa, em forma de citação, a fazer parte de um novo texto.

Já Maingueneau (2001) faz questão de ressaltar as fronteiras entre os discursos citantes e citados. Ele advoga que, na verdade, quando se utiliza um discurso direto (DD ou citação em discurso direto) por mais que se tente ser fiel ao que está sendo citado, é impossível se obter este grau de objetividade que tanto se advoga, pois o discurso direto nada mais é que um fragmento recortado pelo enunciador do novo texto (discurso citante) que dispõe de recursos linguísticos e discursivos para lhe dar uma faceta particular.

A fim de que um parágrafo, um período ou um fragmento de texto se torne citação é preciso, segundo Maingueneau (2006, p. 76), que este fragmento se destaque (destacabilidade) ao olhar do leitor, seja porque o autor se utilizou de estratégias para tal (pelo paratexto; ao longo do texto propriamente dito: ao lhe reservar uma posição relevante, inicial ou final, por exemplo); pela embreagem enunciativa: ao lhe conferir um valor generalizante ou genérico; por uma estruturação pregnante de seu significante (simetria, silepse...) e/ou de seu significado (metáfora, quiasmo...); pelo metadiscurso: ao explicitar uma operação que confere um papel-chave a este ou àquele enunciado, pela identificação do leitor com o trecho. Pedrosa (2010, 2011) também chama a atenção para o fato de que os recortes (destacabilidade) que assumirão o estatuto de citação podem ser influenciados pelo “conhecimento do assunto abordado no texto ou podem ser conduzidos pelo equilíbrio entre o que é dado e o que é novo para um leitor específico” (Pedrosa, 2010, p. 1989).

Para Maingueneau (2006, p. 17), a fórmula filosófica¹ compartilha de três dimensões do “espaço filosófico”: campo, quando marca um posicionamento, ou seja, quando estabelece um território, traçando uma fronteira que, como tal, separa interior e exterior de uma doutrina; como se inscreve na memória, participa também do arquivo; e por fim, ela é intrínseca às práticas.

Pedrosa (2010) discorre, com base em Maingueneau (2006), que na análise dos usos da citação se integram dois planos, a saber: o dos procedimentos, e o dos lugares. Os procedimentos têm por base diversos critérios, como ‘enunciativos, tipográficos, sintáticos, prosódicos: discurso direto, indireto, direto livre, discurso direto com que, etc.’. “Enquanto os lugares são categorizados através dos gêneros, dos tipos de discursos (ex: a imprensa), e dos posicionamentos (como exemplo: o discurso comunista)”.

A autora ainda comenta que

O discurso citado, por ser corte de um fragmento, precisa-se levar em conta a explicitação de sua fonte. Este caso de citação prototípica é bastante utilizado em situação acadêmica como fonte argumentativa em trabalhos científicos (Pedrosa, 2010, p. 1990).

¹Maingueneau (2006), em seu livro ‘Cenas da enunciação’, aborda vários tipos de ‘citações’: frases feitas; provérbios; máximas; citações/fórmulas ‘filosóficas’ (“as de textos que marcam umas ou outras de suas sequências como destacáveis”. São as citações que marcam posicionamentos). Dentro dessas categorias de Maingueneau, estamos considerando as citações em trabalhos acadêmicos como sendo citações filosóficas, pois marcam posicionamentos.

A respeito dessas fórmulas que se destacam, ainda podemos corroborar com “A frase relida torna-se fórmula autônoma dentro do texto. A releitura a desliga do que lhe é anterior e do que lhe é posterior” (Compagnon, 2007, p. 13).

As citações, em contexto acadêmico, se tornam argumentos do saber, funcionando como “evidências de que quem escreve conhece o estado de sua disciplina e ‘sabe’ do que está falando” (Bolivar apud Negroni 2008, p. 99). É esta presença ativa do sujeito que torna a citação um evento social (Leal, 2005). Dele exige-se uma rede de conhecimento de outros autores e que busque responder suas próprias indagações e até mesmo as indagações do outro mencionado. Assim, junta-se, mais uma vez, a prática social, pois é impossível não associá-la à discursiva.

Entretanto, o que veremos aqui, neste informe, é um caso mais preocupante, pois envolve o próprio recorte da citação e a (des)construção que acontece no exercício linguístico e discursivo de parafrasagem.

PARAFRASEAR: O ‘EU’ NO OUTRO

Quando parafraseamos estamos respondendo a uma ideia trazida de um texto-fonte para o texto que estamos constituindo.

Fabiano (no prelo) em estudo sobre a escrita de graduandos, de como este faz uso do discurso do ‘outro’ através da paráfrase e repetição, destaca que esta é uma forma de circular conhecimento na universidade, chamando atenção, todavia, para a falta de autoria, na maioria dos casos, já que esta atividade acadêmica se reduz, muitas vezes, apenas a uma reprodução sem contribuição do graduando a este saber.

Em nossa prática como docente, temos desafiado aos alunos a fazer fichamentos de leituras através de citações e suas paráfrases ou comentários. Em uma dessas ocasiões (ano de 2009), tivemos a oportunidade de trabalhar um texto que transversalmente trabalhava com uma explicação, pelo viés da análise do discurso, do que seria

uma paráfrase. Um dos alunos de Linguística III da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) escolheu a seguinte citação e a parafraseou/comentou como segue:

Citação

"o sentido não pode ser definitivamente o mesmo se sematerializa de formas diversas. Ou seja, para ir diretamente a um ponto crucial, a paráfrase é um instrumento de análise simplificador: ela é que "controlaria" o sentido, já que impõe o mesmo ao diferente, e não as representações formais, que são metalingüísticas". (Possenti, 2009, p. 85).

Comentário

"Se todo discurso é condicionado por discursos anteriores, o que o sujeito enuncia em seu discurso seria então uma paráfrase. E seria por meio dessa paráfrase, que por ser individual pode se apresentar de infinitas maneiras, que os antigos discursos ganhariam novos sentidos, pois, segundo Possenti, o sentido não pode ser o mesmo se ele se materializa de formas diversas". (aluno, 2009, UFRN, Linguística III)

A explicação de Possenti sobre paráfrase é retomada pelo aluno de forma apropriada. O autor defende que a paráfrase faz com que o mesmo se torne diferente ao ser retomado e materializado e que o diferente seja o mesmo (num jogo paradoxal, mas compreensível, de dizeres). Foi o que aconteceu no comentário do aluno, ao parafrasear o texto de Possenti, ele deu sua leitura para o dito e, ao mesmo tempo, comprovou a tese defendida por Possenti sobre a paráfrase.

Mas, aqui neste trabalho, para falar sobre paráfrase, iremos contextualizá-la no seio da Linguística textual. Na primeira fase deste estudo, surge uma 'gramática do texto' que defende o que chamamos de competência textual do falante. Este

conceito ligou-se à percepção de que o falante dominaria um conjunto finito de regras com as quais seria capaz tanto de compreender quanto de produzir textos (Galembeck, 2010).

Entre as manifestações dessa competência textual, diz Galembeck (2010), está a aptidão do falante de parafrasear um texto, entre outros aspectos, como compreendê-lo, resumi-lo, etc. E ainda traz, tendo como referência Charolles (1983), uma lista de três competências básicas que o falante desenvolve:

Competência formativa: tem a ver com a capacidade do falante de produzir e compreender um número infinito de texto e avaliá-lo quanto a sua boa ou má formação;

Competência transformativa: liga-se à capacidade do falante de resumir, reformular e parafrasear um texto;

Competência qualificativa: liga-se à capacidade de identificação do usuário quanto ao tipo ou gênero "bem como à possibilidade de produzir um texto de um tipo particular".

Conquanto se registrem algumas limitações dessa abordagem (gramática de texto), o que nos interessa aqui, nomeadamente, é a contribuição abonada pela compreensão do que vem a ser "uma competência transformativa que, por sua vez, aceitamos, seja decorrente da competência formativa, pois não há como parafrasear um texto sem avaliá-lo e compreendê-lo como tal" (Pedrosa, 2010, p. 1988).

O estudo da paráfrase vai tomar fôlego na década de 60². É definida, então, como uma atividade

² Boa parte desta discussão sobre paráfrase está em Pedrosa (2011).

linguística e discursiva de interpretação e de reformulação efetuada pelos sujeitos. Como os sujeitos são sociais, então a paráfrase não deixa também de ser considerada uma atividade social como expusemos no início da parte 2 deste informe.

Fuchs (1985) define a paráfrase como sendo a relação estabelecida entre um enunciado ou texto-fonte com suas reformulações contextualizadas numa situação específica. A autora ainda destaca algumas formas de a paráfrase se manifestar: equivalência formal entre as frases ('famílias de enunciados com o mesmo sentido'); sinonímia de frase (identidade verdadeira entre palavras ou aproximação semântica); e como reformulação (restauração no plano discursivo - bem ou mal - do texto-fonte em um texto-segundo) (Fuchs, 1985, pp.130-133, grifo nosso).

Esta última visão de paráfrase engloba, conforme Fuchs (1985, p. 134), os aspectos enunciativos, discursivos e pragmáticos. E estes, por seu turno, assinalam três tipos de questões, assim, a reformulação parafrástica:

1. envolve, por parte dos sujeitos inseridos em uma situação específica, uma interpretação prévia do texto-fonte;
2. consiste em saber que a interpretação e identificação do texto-fonte é sempre momentânea "e frágil (já que resulta de um 'apagamento' de diferença) e por isso a possibilidade de polêmicas" (é isto mesmo que quer dizer o texto e/ou autor?);
3. "se traduz por formas características de emprego metalinguístico da linguagem", já que "alguns discursos atestam desta maneira cadeias de reformulações explícitas que podem ser objeto de uma análise linguística".

Característica forte que se destaca no estudo da paráfrase é seu caráter dialógico. Sobre isto, podemos nos apropriar das palavras de Fabiano (2004, p. 90):

Todo e qualquer ato praticado discursivamente pelo sujeito é dialógico. O dialogismo aparece em diversos níveis na materialização do discurso. Existem várias formas de o texto dialogar com outros textos, com leitores, com personagens, com interlocutores. São múltiplas as vezes que habitam o discurso, às vezes elas se mostram mais explícitas, outras vezes, menos, mas não deixam de ser dialógicas.

Obviamente que a citação acima não se refere ao dialogismo especificamente direcionado à paráfrase, mas para todo ato discursivo. Ora se todo ato discursivo é dialógico, esta característica se confirma e se explicita muito mais na paráfrase, já que sua existência tem a ver com apropriação e reescritura da palavra do outro.

Como atividade de reescritura da palavra do outro, este informe de pesquisa (continuação de Pedrosa, 2010, 2011) relatará os resultados de algumas atividades de citação e paráfrase desenvolvidas em sala de aula de uma universidade pública do Brasil. Estes objetos de estudo serão analisados, o primeiro (citação), com seus recortes linguístico e semântico; e o segundo (paráfrase), desde os aspectos linguísticos aos discursivos, verificando como os alunos fazem um trabalho de interpretação do texto-fonte e como fazem sua restauração; constatando como os autores das paráfrases manifestam a alteridade e como ocorre a reprodução do conteúdo bem como, às vezes, sua deformação; e averiguando o emprego metalinguístico da linguagem.

METODOLOGIA: OS CAMINHOS DA EXPERIÊNCIA

Já faz alguns anos que estamos desenvolvendo, não oficialmente registrado na base de pesquisa de universidades, o projeto que relataremos neste informe. Primeiramente em uma universidade e depois em outra, ambas públicas. Os dados aqui serão da última universidade: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), campus de Lagoa Nova, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. Os anos-base: 2009 e 2011

Experiência 1: corpus formado a partir da contribuição de 12 alunos do curso de Letras, Linguística III (Ling III), da UFRN, 2009.2, compreende citações e comentários/paráfrases dos textos de Fernanda Mussalin (2001) introdutório à Análise do Discurso e de Sírio Possenti (2009) sobre a concepção de sujeito (da Análise do Discurso).

Experiência 2: corpus constituído com a participação de 9 alunos do curso de Letras, Linguística IV (Ling IV, a ementa contempla a Linguística Aplicada), UFRN, noturno, 2011.1, turma com 22 alunos. Desenvolvemos a metodologia da aula de forma que atendesse às necessidades da coleta de material desta investigação. A partir do texto de Menezes *et al.* (2009). "Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos...", delineamos os seguintes procedimentos: solicitamos que os alunos procedessem à leitura em casa, grifando (destacabilidade) as partes que considerassem mais importantes; verificamos na aula seguinte quais foram os grifos e conversamos sobre seus conteúdos; solicitamos que as partes grifadas se transformassem em citações e fossem parafraseadas ou comentadas e enviadas para nós pelo sistema eletrônico disponível na universidade.

ANÁLISES E DISCUSSÕES

CITAÇÃO E PARÁFRASE COMO PRÁTICAS DISCURSIVAS NO ENSINO SUPERIOR: RELATO DE EXPERIÊNCIAS COM ALUNOS DE LETRAS EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA DO BRASIL

Nossa trajetória como professora de nível superior em universidades públicas federais do Brasil³ começou nos idos de 1997, contudo já tínhamos experiências no ensino superior privado e também já havíamos trabalhado no ensino público fundamental e médio do Brasil desde a década de 1980. Assim, nossa carreira total como docente, envolvendo praticamente todos os níveis, já somam, pelo menos, três décadas.

Então relatar a experiência de alunos de Letras no fazer acadêmico é também acompanhar nosso próprio desenvolvimento em sala de aula como professora. Foi por observar, nos trabalhos solicitados para avaliação das unidades ou de final de disciplina, que muitos alunos tinham dificuldade, não só de parafrasear a fala do 'outro' (do autor citado) como até mesmo de recortar esta fala (citação), que sentimos a necessidade de incluir em nossas aulas a dinâmica da citação e parafrase como exercício regular de leitura dos textos para discussão das aulas.

Para nós, portanto, não restava dúvida de que a atividade de citar liga os atos de ler e escrever. Assim é que acompanharemos como esta ligação acontece.

³ Diferentemente do que ocorre em algumas regiões da Colômbia, as universidades públicas federais do Brasil são consideradas mais representativas do que as particulares. Contudo, também há fortes universidades privadas, principalmente, nas regiões sul e sudeste do país.

OS RECORTES DAS CITAÇÕES

Ler um texto e fazer alguns recortes deste em forma de citação para inserir em trabalhos acadêmicos são atividades, de certa maneira, corriqueiras nas universidades. Porém, em muitos trabalhos acadêmicos que recebíamos para avaliar o que encontrávamos era uma colcha de retalhos, e alguns 'retalhos' nem eram tão bem recortados nem costurados. Por isso, julgamos pertinente fazermos as atividades de citação e paráfrases dos textos que iríamos discutir nas aulas. Os exemplos analisados são destas atividades e não de trabalhos monográficos.

Vejam estes recortes:

Exemplos 1: recortes semanticamente prejudicados

a- [...] um conjunto de regras anônimas, históricas sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada, e para uma área social econômica, geográfica ou Linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa. (Mussalim, 2001, p.119 *apud* Foucault, 1969, p. 14) (Experiência 1: aluno 6, Ling III, UFRN, 2009.2, texto 1, negrito nosso)

b-[...] seja no contexto de aprendizagem de língua materna ou outra língua, seja em qualquer outro contexto em que surjam questões relevantes sobre o uso da linguagem. (Menezes et al, 2009, p. 25), (Experiência 2: aluno 8, Ling. IV, UFRN, 2011.1, texto 1)

Os dois exemplos selecionados apontam para recortes prejudicados semanticamente. No exemplo (a), o leitor precisa recuperar que a definição dada na citação refere-se à formação discursiva,

conceito relevante para Análise do Discurso. Em (b), o recorte deixa de fora a informação – “o objeto de investigação da LA é a linguagem como prática social” – fundamental para entender que o que a citação traz é a explicação do que constitui o objeto da LA (Linguística Aplicada).

Em relação aos dois casos acima, poderíamos afirmar que as citações foram 'extirpadas' do texto-fonte. Não houve uma acomodação, a destacabilidade ou grifos dos alunos não atenderam ao aspecto semântico de uma citação, as passagens foram desenraizadas, mutiladas de seus lugares de origem, não estando semanticamente adequadas para se encaixar no novo texto. Para que tal ocorresse, seria necessário que os autores desses textos-segundo fizessem todo um trabalho de construção e recuperação do sentido não contemplado na citação.

Exemplos 2: recortes e redes de informações

a- “(...) o primeiro curso independente de LA aconteceu na Universidade de Michigan, em 1946” (Menezes et al, 2009, p. 26) (Experiência 2: aluno 1, Ling. IV, UFRN, 2011.1, texto 1).

b- “Segundo Tucker (s.d.), o primeiro curso independente de LA aconteceu na Universidade de Michigan, em 1946...” (Menezes et al, 2009, p. 26) (Experiência 2: aluno 5, Ling. IV, UFRN, 2011.1, texto 1).

c- “Segundo Tucker (s.d), o primeiro curso independente de LA aconteceu na Universidade de Michigan, em 1946, (...),tanto na Inglaterra como nos EUA, LA significa a aplicação de uma chamada “abordagem científica” ao ensino de línguas estrangeiras.” (Menezes et al, 2009, p. 26) (Experiência 2: aluno 8, Ling. IV, UFRN, 2011.1, texto 1).

Aqui, nestes exemplos, queremos tratar as questões dos recortes enxutos, ampliados e redes de informações advindas destes recortes. Vejamos que os alunos 1 e 5 trabalham aparentemente com a mesma informação. A diferença entre eles reside no fato de o aluno 5 especificar a quem cabe a informação trazida. O aluno 1, ao recortar esta informação de “segundo Tucker”, deixa implícito que a informação é mérito da autora lida, silenciando a quem de fato pertence a voz. Já o aluno 8, ao fazer uma citação mais ampla, estende a informação para incluir dados que não foram contemplados nas citações dos outros dois alunos. Então, pelo que vimos, o tamanho do recorte, muitas vezes, implica mais informações em rede; ou mesmo, pelos conteúdos abordados, poderiam ser desmembradas em duas citações. Acompanhem as redes informativas:

Exemplos 3: recortes com enxugamentos internos ou com complementação informativa

a- A questão do sujeito é uma questão aberta. (...). Provavelmente, o ponto crucial da teoria é que não se pode aceitar – o que até muitos

não-marxistas e não-freudianos reconhecem – a possibilidade de pensar um sujeito *sem circunstâncias*, ou que as domine completamente. Fora disso, ou seja, quanto às especificações que ultrapassam a negação do sujeito dito uno e consciente, penso que o campo está aberto. (Possenti, 2009, p. 82. Grifo do autor). (Experiência 1: aluno 6, Ling III, UFRN, 2009.2, texto 2)

b- A questão do sujeito é uma questão aberta. Para analistas do discurso afetados de alguma forma pelo “ar do tempo” da época heróica da fundação da disciplina, só há um consenso absoluto: o fim do sujeito cartesiano (...). Assim como ocorre com a função-autor, as funções-sujeito também são diversas, não só em diferentes épocas, mas também em gêneros diferentes. (Possenti, 2009, p. 82) (Experiência 1: aluno 12, Ling III, UFRN, 2009.2, texto 2).

c- “(...) o ponto crucial da teoria (o fim do sujeito cartesiano) é que não se pode aceitar – o que até muitos não-marxistas e não-freudianos

Quadro 1. Citação e redes de informações

ALUNOS/CITAÇÕES	REDES DE INFORMAÇÕES
a - “[...] o primeiro curso independente de LA aconteceu na Universidade de Michigan, em 1946” (MENEZES et al: 2009, p. 26) (Experiência 2: aluno 1, Ling. IV, UFRN, 2011.1, texto 1)	3 informações: - o primeiro curso independente de LA - Universidade de Michigan - 1946
b- “Segundo Tucker (s.d.), o primeiro curso independente de LA aconteceu na Universidade de Michigan, em 1946...” (Menezes et al, 2009, Pg. 26) (Experiência 2: aluno 5, Ling. IV, UFRN, 2011.1, texto 1)	4 informações: - Tucker informou sobre - o primeiro curso independente de LA - Universidade de Michigan - 1946
c- “Segundo Tucker (s.d), o primeiro curso independente de LA aconteceu na Universidade de Michigan, em 1946,....., tanto na Inglaterra com o nos EUA , LA significa a aplicação de uma chamada “abordagem científica” ao ensino de línguas estrangeiras.” (Menezes et al, 2009, Pg. 26) (Experiência 2: aluno 8, Ling. IV, UFRN, 2011.1, texto 1)	6 informações - Tucker informou sobre - o primeiro curso independente de LA - Universidade de Michigan - 1946 - Inglaterra e EUA têm a mesma visão de LA - LA apresenta uma “abordagem científica” ao ensino de línguas estrangeiras.

reconhecem – a possibilidade de pensar um sujeito sem circunstâncias, ou que as domine completamente.” (Possenti, 2009, p. 82) (Experiência 1: aluno 8, Ling III, UFRN, 2009.2, texto 2).

Os 3 exemplos mostram estratégias diferentes para fazer a citação, ou poderíamos dizer, opostas: enxugá-la internamente ou enxertar informações que são imprescindíveis para entender a citação. Obviamente que nos dois casos podem ocorrer corte ou retomada inapropriadas, sempre há este risco.

No exemplo (a), o aluno 6 não foi feliz com seu enxugamento, o excerto que falta - *“Para análises do discurso afetados de alguma forma pelo ‘ar do tempo’ da época heróica da fundação da disciplina, só há um consenso absoluto: o fim do sujeito cartesiano (melhor ainda: a decisão de combatê-lo onde aparecesse e até mesmo onde devesse ser inventado)”* - prejudica semanticamente a citação. O leitor da citação fica sem saber por que *“a questão do sujeito é uma questão aberta”* e também não consegue retomar a *“teoria”* a qual a citação se refere.

A tentativa de enxugamento do aluno 12, no exemplo (b), foi ainda mais crítica. Sua citação ficou fragmentada; a preencheremos em itálico: b- *“A questão do sujeito é uma questão aberta. Para analistas do discurso afetados de alguma forma pelo ‘ar do tempo’ da época heróica da fundação da disciplina, só há um consenso absoluto: o fim do sujeito cartesiano (melhor ainda: a decisão de combatê-lo onde aparecesse e até mesmo onde devesse ser inventado). Provavelmente, o ponto crucial da teoria é que não se pode aceitar – o que até muitos não-marxistas e não-freudianos reconhecem – a possibilidade de pensar um sujeito sem circunstâncias, ou que as domine completamente. Fora disso, ou*

seja, quanto às especificações que ultrapassam a negação do sujeito dito uno e consciente, penso que o campo está aberto. Como sempre, as respostas provisórias, ou as tentativas de dá-las, que têm algum interesse, provêm de detalhamentos teóricos e de análise de corpora variados). Assim como ocorre com a função-autor, as funções-sujeito também são diversas, não só em diferentes épocas, mas também em gêneros diferentes”. Claro que não esperamos uma citação tão extensa, mas que os tópicos fossem selecionados ou divididos em citações independentes para melhor compreensão. O aluno não conseguiu fazer este enxugamento de forma que atendesse a algum grupo informativo.

Verificamos que o aluno 8, no exemplo (c), fez um recorte enxuto e quando identificou que em seu recorte faltava uma informação relevante a retomou, completando semanticamente sua citação, pondo esta informação entre parênteses: *“o ponto crucial da teoria (o fim do sujeito cartesiano)”*. Este aluno consegue atender linguística e semanticamente ao recorte da citação.

QUADRO–RESUMO DE CITAÇÕES E PARÁFRASE NA EXPERIÊNCIA 2

Das quatro primeiras páginas do texto de Menezes *et al* (2009), mapeamos nove citações que receberam paráfrases dos alunos. A separação a partir de algum ponto da citação com um número ‘x’ de barras significa que aquela quantidade de alunos começou a citação a partir deste outro ponto, outras citações apresentam recortes diferentes, mais estendidos ou mais enxutos, então colocamos as versões com indicativos dos alunos que as utilizaram. Visualizemos as informações no quadro abaixo:

Este quadro traz uma mostra de leitura dos alunos de Linguística IV:

Quadro 2. Citação e números de paráfrases

CITAÇÕES MENEZES, Vera; SILVA, Marina Morena; GOMES, Iran Felipe. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In: PEREIRA, R. C; ROCA, P. Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2009.	No de PARÁ- FASES\ ALUNOS
1-“Parece haver consenso de que o objeto de investigação da LA é a linguagem como prática social, seja no contexto de aprendizagem de língua materna ou de outra língua, seja em qualquer outro contexto em que surjam questões relevantes sobre o uso da linguagem.” (MENEZES et al: 2009, p. 25)	1,2,3,4,5,7 e 9
2- “Existe uma suposta separação entre os estudos da LA e os estudos linguísticos, mas, como veremos mais à frente, esse hiato entre as duas áreas está cada vez menos evidente.” (Menezes et al, 2009, p. 25).	1,2,5,8 e 9
3-“Como afirma Kaplan (1985, p. 4), ‘a noção de que a língua deve ser estudada em relação a um contexto tomou conta do pensamento dos linguistas aplicados’ [...]” (Menezes et al, 2009, p. 25)	3
4- Cavalcanti (1986, p. 50) registra que “... a LA ‘foi vista durante muito tempo como uma tentativa de aplicação de Linguística (teórica) à prática de ensino de línguas’, ou seja, voltada para as questões de métodos e técnicas de ensino.” (Menezes et al, 2009, p.26)	1,2,4,5,7,8 e 9
5- “A LA nasceu como uma disciplina voltada para os estudos sobre o ensino de língua estrangeira” (MENEZES et al: 2009, p. 26) 5A- “A LA nasceu como uma disciplina voltada para os estudos sobre ensino de línguas estrangeiras e hoje se confirma como uma área imensamente produtiva, responsável pela emergência de uma série de novos campos de investigação transdisciplinar, de novas formas de pesquisa e de novos olhares sobre o que é ciência.” (MENEZES et al: 2009, p. 26)	1 6,7 e 8
6-Na visão de Kalaja (s.d.), “[...] existe uma visão restrita de LA, definida como pesquisa em ensino e aprendizagem, e uma visão ampla – LA a problemas do mundo real. 6A -Eu diria que existem três visões: ensino e aprendizagem [...], aplicação de linguística [...] e investigações aplicadas sobre estudos de linguagem como prática social” (MENEZES et al: 2009, p. 26)	6 1,3,5, e 7
7 “[...] o primeiro curso independente de LA aconteceu na Universidade de Michigan, em 1946” (MENEZES et al: 2009, p. 26) 7A - “Segundo Tucker (s.d.), o primeiro curso independente de LA aconteceu na Universidade de Michigan, em 1946...” (Menezes et al, 2009, Pg. 26). 7B - “Segundo Tucker (s.d), o primeiro curso independente de LA aconteceu na Universidade de Michigan, em 1946,.....,tanto na Inglaterra com o nos EUA , LA significa a aplicação de uma chamada “abordagem científica” ao ensino de línguas estrangeiras.” (Menezes et al, 2009, Pg. 26).	1 5 8
8 - “Ao contrário do que diz o verbete do Concise Oxford Companion to the English Language e do conceito que se estabeleceu no senso comum, a LA não nasceu como aplicação da Linguística, mas como uma perspectiva indutiva, isto é, uma pesquisa advinda de observações de uso da linguagem no mundo real, em oposição à língua idealizada.” (MENEZES et al: 2009, p. 27)	1 e 5, 6, 7, 8 e 9
9-“Como podemos observar, o texto tem dois aspectos centrais: o diálogo com outras disciplinas e as questões teóricas em temas associados à aprendizagem de línguas.” (MENEZES et al: 2009, p. 28)	1

- a primeira citação faz parte do parágrafo introdutório do texto e foi retomada por 7 alunos, seja em sua versão mais completa ou um pouco mais enxuta;
- a citação 4 também segue o mesmo perfil da 1ª citação, com 7 alunos;
- a citação 8, seja em seu recorte mais enxuto ou mais estendido, traz paráfrase de 6 alunos;
- as citações 2 e 6 são retomadas e parafraseadas por 5 alunos, embora notemos as diferenças

- na citação 6, elas estão inseridas no mesmo parágrafo/período do texto-fonte;
- a citação 5 foi, com variação, retomada por 4 alunos;
- A citação 7 foi a que sofreu mais variações, e foi retomada por 3 alunos;
- as citações 3 e 9 receberam só uma parafraseagem cada.

Abaixo, mais uma visualização desses dados:

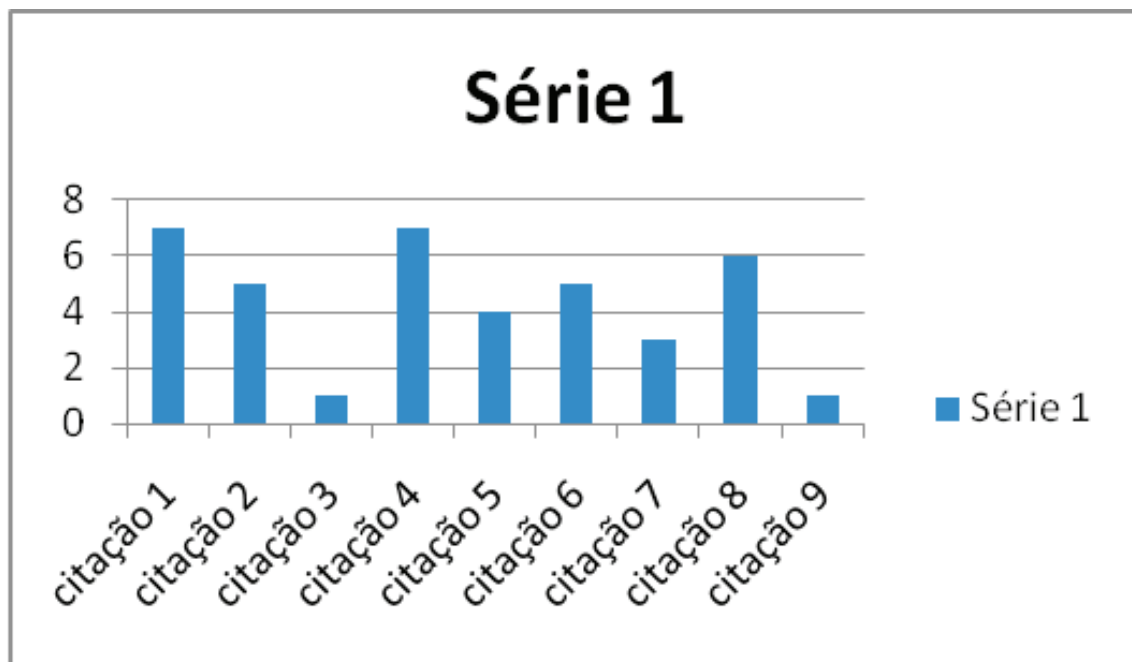


Gráfico 1. número de paráfrases por citações⁴

⁴ Gráfico já publicado em Pedrosa (2011).

Quadro 3. Variações Parafrásticas

Aluno 1	Aluno 3	Aluno 4	Aluno 5
Muitos pesquisadores encararam durante muito tempo a LA como sendo simplesmente uma tentativa de aplicar os conhecimentos advindos da Linguística Teórica ao ensino de línguas.	Como vemos durante as aulas e ao longo do texto, a confusão entre Linguística Aplicada e aplicação da Linguística era muito freqüente e ainda hoje persiste em algumas situações.	A Linguística Aplicada foi encarada durante muito tempo como aplicação, ou mesmo junção da teoria-prática. Acreditava-se que a Linguística Aplicada era apenas "colocar em prática" a teoria da Linguística.	<i>Para Cavalcanti (1986), a LA foi vista como a aplicação da Linguística, porém atualmente ela é muito mais produtiva, ela abrange diversas disciplinas, avança em pesquisas e tem um novo olhar para o que é ciência.</i>
Aluno 7	Aluno 8	Aluno 9	
Esse pensamento de que a LA é uma aplicação da teoria linguística, ainda é forte, embora as discussões na área sejam bem mais abrangentes.	Segundo Cavalcanti a linguística com toda sua especificidade de estatuto científico não via na sua abordagem o mundo real como parte prática que a linguagem exigia para sua aplicabilidade. Por tanto viu essa possibilidade de aplicação de uma abordagem científica teórica sendo realizada pela LA na prática de ensino de línguas.	No início do desenvolvimento da LA, os principais objetivos dessa vertente era promover investigações em relação aos fenômenos norteadores do ensino de língua estrangeira, sendo que, a Linguística Aplicada pode ter um maior campo de estudo o que vai acontecer posteriormente, como: pesquisas sobre a formação de professores de língua materna, estudos em outros campos em que seja valorizado a linguagem como prática social.	

CITAÇÃO E PARÁFRASES: REFORMULAÇÕES, ACRÉSCIMOS E (RE/DES)CONSTRUÇÃO

Conforme vimos em Possenti (2009, p. 85), a paráfrase seria uma forma de regular o sentido, pois "impõe o mesmo ao diferente" (mas também o diferente no mesmo). Bem, este seria, em tese, o objetivo de se fazer uma paráfrase, conservar o sentido do texto-fonte inalterado. Porém, nas práticas que analisaremos, nem sempre isto ocorre.

Com base no que expusemos no tópico 5.2, faremos uma exposição mais detalhada de uma citação e sua paráfrase. Como a citação 1 já foi amplamente discutida em Pedrosa (2011), toma-

remos a próxima citação com mais paráfrases, a de número 4. Poremos a citação do texto-fonte e num quadro as 7 paráfrases formuladas pelos alunos.

Exemplos 4: citação e paráfrases: formas de (não) dizer o mesmo

Citação

4- "Cavalcanti (1986, p. 50) registra que a LA 'foi vista durante muito tempo como uma tentativa de aplicação de Linguística (teórica) à prática de ensino de línguas', ou seja, voltada para as questões de métodos e técnicas de ensino." (Menezes et al, 2009, p.26)

Paráfrases

Apenas os alunos 3 e 8 trazem a citação a partir do início do parágrafo: "Cavalcanti (1986, p. 50) registra que". Os demais alunos suprimem esta informação, o que implica deduzir que para a leitura de suas paráfrases fica implícito que a informação é dada pelos autores do texto que estão sendo citados e parafraseados, então mesmo diante de um recorte que poderíamos chamar de simples, se perde a autoria de uma informação, pois ela é imputada a outros autores. O aluno 5, embora não inclua esta informação em sua citação, o faz em sua paráfrase.

Alguns comentários mais pontuais sobre as paráfrases:

Aluno 1: *Muitos pesquisadores encararam durante muito tempo a LA como sendo simplesmente uma tentativa de aplicar os conhecimentos advindos da Linguística Teórica ao ensino de línguas* - o sentido impessoal da citação (a LA foi vista) é retomado em paráfrase como 'muitos pesquisadores'. Também o aluno resolve reduzir a explicação dada após 'ou seja' do texto, considerando a informação redundante. E retira o 'teórica' dos parênteses e deixa como termo classificador da Linguística. No caso, ele, como sujeito de seu dizer, consegue articular as questões linguísticas e discursivas para interpretar o texto-fonte e, assim, elaborar sua paráfrase, numa demonstração clara do uso das competências formativa e transformativa.

Aluno 3: *Como vemos durante as aulas e ao longo do texto, a confusão entre Linguística Aplicada e aplicação da Linguística era muito frequente e ainda hoje persiste em algumas situações* – o que podemos observar, neste trabalho do aluno, é que ele, na verdade, não parafraseia a citação. Contextualiza o que ocorreu em sala

e as informações contidas no texto e extrapola o dito na citação ao afirmar: *a confusão entre Linguística Aplicada e aplicação da Linguística era muito frequente e ainda hoje persiste em algumas situações*; pois o que a citação traz é que a LA foi vista inicialmente como uma aplicação da Linguística, no caso a teórica. De certa forma, ele não aciona a competência transformativa.

Aluno 4 - *A Linguística Aplicada foi encarada durante muito tempo como aplicação, ou mesmo junção da teoria-prática. Acreditava-se que a Linguística Aplicada era apenas "colocar em prática" a teoria da Linguística* – observa-se que o aluno primeiro trabalha uma informação incompleta - *A Linguística Aplicada foi encarada durante muito tempo como aplicação* – 'aplicação' de quê? Também se observa que o aluno não evidencia que esta junção teoria-prática era apenas 'colocar em prática' a teoria Linguística, enquanto o texto destaca que a LA era uma 'tentativa' dessa junção. A relação texto-fonte e segundo-texto não ocorre de forma efetiva. As reformulações esperadas não foram contextualizadas nesta situação específica.

Aluno 5 - *Para Cavalcanti (1986), a LA foi vista como a aplicação da Linguística, porém atualmente ela é muito mais produtiva, ela abrange diversas disciplinas, avança em pesquisas e tem um novo olhar para o que é ciência* - a paráfrase deste aluno apresenta duas estratégias, uma reducionista e uma expansiva. No primeiro caso, o aluno não informa em que área ocorria a aplicação da Linguística (logo, não há uma restauração no plano discursivo); e no segundo, traz informações abordadas posteriormente no texto-fonte, sinalizando que houve uma interpretação prévia do texto.

Aluno 7: *Esse pensamento de que a LA é uma aplicação da teoria linguística, ainda é forte,*

embora as discussões na área sejam bem mais abrangentes – este aluno também expande as informações contidas na citação ao afirmar que o *'pensamento de que a LA é uma aplicação da teoria linguística, ainda é forte'*, trazendo para sua paráfrase a informação imediatamente posterior à citação; mas, por outro lado, deixa em aberto a que *'discussões'* ele faz alusão e em que sentido seriam mais *'abrangentes'*. Em consulta ao texto-fonte, podemos identificar que seriam discussões abrangentes em contextos escolares, profissionais e midiáticos. Assim, sua paráfrase não contempla plenamente o conteúdo da citação (não aciona a contento sua competência transformativa) e mesmo as informações posteriores trazidas à sua paráfrase não corresponderam a uma recontextualização adequada do texto-fonte.

Aluno 8 - Segundo Cavalcanti a linguística com toda sua especificidade de estatuto científico não via na sua abordagem o mundo real como parte prática que a linguagem exigia para sua aplicabilidade. Portanto viu essa possibilidade de aplicação de uma abordagem científica teórica sendo realizada pela LA na prática de ensino de línguas – o aluno 8, ao fazer a paráfrase da citação, especificamente no primeiro período, traz uma voz que o texto-fonte não autoriza como sendo de Cavalcanti. Esta é uma discussão trazida pelos autores do texto-fonte com base em várias referências. Então, se considerarmos, esta paráfrase, como forma validada de perpetuar conhecimento, falha completamente.

Aluno 9 - No início do desenvolvimento da LA, os principais objetivos dessa vertente era promover investigações em relação aos fenômenos norteadores do ensino de língua estrangeira, sendo que, a Linguística Aplicada pode ter um maior campo de estudo o que vai acontecer posteriormente, como: pesquisas sobre a forma-

ção de professores de língua materna, estudos em outros campos em que seja valorizada a linguagem como prática social – há uma extrapolação do conteúdo da citação. O aluno primeiro se prende ao conteúdo da citação, mas depois contextualiza outras informações do texto-fonte, havendo uma interpretação ativa e autorizada do texto-fonte.

A prática da citação e/ou sua paráfrase são estratégias que validam o fazer científico dentro da academia. Parafrasear um autor traz consigo uma responsabilidade enunciativa, pois a voz do *'outro'* precisa ser retomada com legitimidade. Às vezes, simples alterações linguísticas podem desencadear grandes mudanças semânticas e discursivas, e mesmo pragmáticas, no que está sendo dito.

A competência transformativa necessária para parafrasear uma citação não é algo inato, precisa ser desenvolvida na academia através de práticas com fichamentos e elaboração de monografias. E esta competência, obviamente, passa também pelo desenvolvimento da competência formativa, considerando que esta é responsável pela avaliação e compreensão de um texto, logo, aspectos imprescindíveis para conseguir uma boa paráfrase. Aos sujeitos responsáveis por estas atividades de paráfrase, requerem-se habilidades linguística e discursiva de interpretação e de reformulação.

Para o sujeito social e discursivo no âmbito da academia, encontrar o lugar da especificidade de sua paráfrase é encontrar o lugar das reformulações contextualizadas adequadamente em sua produção. Não fugir do dito, mas ao mesmo tempo, contribuir com sua voz, é o grande desafio de não estagnar em uma reprodução de conhecimento.

(IN)CONCLUSÃO

Não se pode falar em conclusão quando se está em pleno processo de uma prática pedagógica, portanto julgamos que o mais adequado seria trazer à tona algumas considerações que se mostraram com o fazer de nossas atividades em sala de aula.

Primeiro aspecto: o ato de citar não é tão simples como à primeira vista possa parecer. O recorte nem sempre se mostra 'destacável' do texto-fonte. Extrair, desenraizar uma citação do texto-fonte para enxertar no texto que o aluno está constituindo requer uma leitura de solicitação e de acomodação, nos termos de Compagnon (2007). Se o texto não se tornar inteligível para o aluno, este não conseguirá fazer um recorte de citações de forma apropriada. Ele precisa identificar as redes de informações que um parágrafo, um período possa trazer. Assim, identificando estas redes, pode optar por citações que tragam apenas uma informação ou que tragam mais informações, como vimos no quadro 1.

Considerando já alguns dos resultados que obtivemos com esta pesquisa, trazemos uma listagem que orienta os alunos quanto ao fazer citação (Pedrosa, 2010, 2011):

- identificar zonas de recortes;
- evitar recortes que remetam ao cotexto anterior e/ou posterior;
- buscar palavras que remetam ao cotexto anterior a fim de explicá-las;
- proceder a recortes de sentido 'completo';
- buscar recorte mais enxutos, preferindo-os aos mais extensos;
- ao recortar citações mais longas, pode-se fazer enxugamento interno com o uso dos parênteses e reticências;

- incluir explicações em parênteses, quando necessário, com a função de preenchimento de lacunas informativas.

Quanto ao segundo aspecto, o da paráfrase, a prática tem apontado algumas observações que poderiam ser relevantes na academia. Estas podem ser classificadas em duas categorias (Pedrosa, 2011):

Quanto aos recursos linguísticos:

- inverter as frases;
- utilizar sinonímia;
- mudar a estruturação do período;
- alterar a pontuação;
- utilizar voz ativa ou passiva;
- reduzir ou estender expressões;

Quanto aos recursos discursivos:

- interpretar primeiro o texto-fonte como um todo;
- não se afastar do conteúdo semântico, englobar conhecimento prévio do assunto;
- marcar não só a alteridade do texto, mas sua própria alteridade;
- não extrapolar a variável de tolerância;
- evitar a deformação;
- cotejar a paráfrase com a citação, a fim de verificar a similitude de ideias.

Tivemos a oportunidade de, neste relato, discutir práticas discursivas e sociais vivenciadas no ensino superior. As relações sociais que se desenvolvem entre os indivíduos, como sujeitos sociais, marcam também o espaço discursivo dentro da academia. Deste modo, fazer ciência,

principalmente na área de humanas, significa executar as estratégias que façam com que ela se perpetue e desenvolva. Deste modo, referendar autores abalizados através de citações ou paráfrases vem a ser estratégia por demais utilizada nesse contexto. As redes de citações constituem um fenômeno coletivo (Di Chiara *et al*, 2011) que sustentam as relações entre os autores de um campo do saber. E, com certeza, esta prática termina por ser mais utilizada por alunos que, por não oferecerem referências do saber, se resumem a utilizar o que já está produzido. Neste quadro, as citações e paráfrases se tornam argumentos do saber, uma demonstração do estado da arte.

REFERÊNCIAS

- Bakhtin, M. (2002). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 8. ed. São Paulo: Hucitec. (Volochinov, V. N).
- Barbosa, A. C. Q. (2004). A produção acadêmica em recursos humanos no Brasil: fato ou ficção? *RAE-eletrônica*, 3(2), 01/08 en: <http://www.rae.com.br/electronica/index.fmFuseAction=Artigo&ID=2200&Secao=DEBATE&Volum>.
- Compagnon, A. (2007). *O trabalho da citação*. Belo Horizonte: UFMG.
- Di Chiara et al. (2011). As citações como base da rede social egocêntrica: o Artigo citado e suas conexões. Consultado el 08/08/2011 en: www.portalppgci.marilia.unesp.br/enancib/viewpaper.php?id=134 Similares
- Fabiano, S. (2004). *Pesquisa na graduação: a escrita do gênero acadêmico*. Cáceres: Unemat Ed.
- Fabiano, S. (en la prensa). Incorporação do discurso do 'outro' na escrita de graduandos em Letras. [Texto cedido pela autora].
- Fuchs, C. (1985). Paráfrase linguística: equivalência, sinonímia ou reformulação? *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 8, Campinas: editora da UNICAMP, 129 - 134.
- Galembeck, P. de T. (2010). A linguística textual e seus mais recentes avanços. Consultado el 05/08/ 2010 en: [http:// www.filologia.org.br/](http://www.filologia.org.br/).
- Leal, I. C. (2005). *Análise de Citações da Produção Científica de uma Comunidade: A Construção de uma Ferramenta e sua Aplicação em um Acervo de Teses e Dissertações do PPGCI-UFMG*. [Tesis de Maestría]. Consultado el 24/04/2011 en: portal-deperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/468/282.
- Maingueneau, D. (2001). *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez.
- Maingueneau, D. (2006). *Cenas da enunciação*. Curitiba: Criar.
- Marcondes, C. H. y Sayão, L. F. (2002). Digital documents and new ways of cooperation among information systems. *Ci.Inf.*, 31(3). Consultado el 08/08/2011 en: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652002000300005.
- Negróni, M. M. G. (2008). Os modos de dizer do sujeito no discurso acadêmico. En Micheletti, Guaraciaba (Eds.). *Enunciação e gêneros discursivos* (pp. 92-121). São Paulo: Cortez.
- Pedrosa, C. E. F. (2010). Competência discursiva: leitura, citação e paráfrase como atividade de produção em discurso segundo. XIV CNLF, UERJ: Rio de Janeiro. *Cadernos do CNLF*, vol. XIV, 2(2), 1986-2004. Consultado al 24/04/2011 en: <http://www.filologia.org.br>.
- Pedrosa, C. E. F. (2011). Leitura, citação e paráfrase: competência discursiva em contexto acadêmico universitário. *Anais do VI Congresso Internacional de la Cátedra Unesco*. Barranquilla, Colômbia, 15-17 de junho de 2011, CD-ROM, ISBN 978-958-741-143-0.
- Possenti, S. (2009). 'Dez observações sobre a questão do sujeito'. *Questões para analistas do discurso* (pp. 81-90). São Paulo: Parábola.

Referências das atividades de citação e paráfrase

Linguística III

Texto 1

Mussalin, Fernanda. (2001). Análise do Discurso. En Bentes, A.C. (Eds) *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, 2 (pp. 101-142). São Paulo: Cortez.

Texto 2

Possenti, Sírio. 'Dez observações sobre a questão do sujeito'. (2009). *Questões para analistas do discurso* (pp. 81 -90). São Paulo: Parábola.

Linguística IV

Texto 1

Menezes, Vera; Silva, Marina Morena; Gomes, Iran Felipe. (2009). Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. En Pereira, R. C; Roca, P. (Eds.), *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto.